



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SISLANIO VIEIRA DA SILVA

**“AQUENDA MONA”: A LINGUAGEM COMO INSCRIÇÃO DO SUJEITO E O USO  
DO PAJUBÁ NA COMUNIDADE LBGTQIA+**

Juazeiro do Norte  
2020

SISLANIO VIEIRA DA SILVA

**“AQUENDA MONA”: A LINGUAGEM COMO INSCRIÇÃO DO SUJEITO E O USO DO PAJUBÁ NA COMUNIDADE LBGTQIA+**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte  
2020

SISLANIO VIEIRA DA SILVA

**“AQUENDA MONA”: A LINGUAGEM COMO INSCRIÇÃO DO SUJEITO E O USO  
DO PAJUBÁ NA COMUNIDADE LBGTQIA+**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso de Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para obtenção de grau de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 14/12/2020

**BANCA EXAMINADORA**

---

Me. Francisco Francinete Leite Junior  
Orientador

---

Esp. Indira Feitosa Siebra de Holanda  
Avaliadora

---

Me. Tiago Deividy Bento Serafim  
Avaliador

# “AQUENDA MONA<sup>1</sup>”: A LINGUAGEM COMO INSCRIÇÃO DO SUJEITO E O USO DO PAJUBÁ NA COMUNIDADE LBGTQIA+

Sislanio Vieira da Silva<sup>2</sup>  
Francisco Francinete Leite Junior<sup>3</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a importância do Bajubá (dialeto secreto criado pelas travestis) conhecendo sobre a sua origem e utilização pela população de pessoas travestis, buscando compreender como a sua utilização possibilita uma forma de resistência e de inscrição destas pessoas marginalizadas tanto dentro e fora da comunidade LGBTQIA+. Foi utilizado como metodologia a revisão da literatura, a partir de uma análise crítica de dados através de publicações de autores de grande contribuição para este tema. Através deste presente artigo é possível compreender como os membros desta comunidade se insere e são inseridos nesta linguagem, a sua origem, bem como a mesma durante o seu percurso, alcança um lugar de resistência e empoderamento para os que dela fazem uso. Compreendendo assim a fundamental importância da linguagem na vida das pessoas e do grupos, atuando enquanto caráter primário e de formação de identidades.

**Palavras-chave:** Linguagem. Bajubá, Pajubá.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the importance of Bajubá (secret dialect created by transvestites) knowing about its origin and use by the population of transvestites, seeking to understand how its use allows a form of resistance and registration of these marginalized people both within and outside the LGBTQIA + community. The literature review was used as a methodology, based on a critical analysis of data through publications by authors of great contribution to this theme. Through this article it is possible to understand how the members of this community are inserted and inserted in this language, their origin, as well as the same during their journey, reaches a place of resistance and empowerment for those who use it. This understanding the fundamental

---

<sup>1</sup> *Aquenda vem do Bajubá, que significa aquendar (aqüendar), termo que é utilizado para como significado para chamar, ou prestar atenção em algo. A palavra Mona advém também do Bajubá, ela tem como significado em alguns locais: mulher, porem ela é mais frequentemente utilizada como forma carinhosa de um homossexual denominar outro homossexual masculino. VIP. (2006)*

<sup>2</sup> *Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. E-mail: sislanio6@gmail.com*

<sup>3</sup> *Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br*

importance of language in the lives of people and groups, acting as a primary character and forming identities

**Keywords:** Language. Bajubá, Pajubá.

## **INTRODUÇÃO.**

O Bajubá, é uma linguagem êmica criado pelas travestis para que pudessem se comunicar entre elas sem que outras pessoas entendessem, criando uma forma de resistência e de defesa a si própria, tomando então a posterior, sua adesão dentro da comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, *Queers* entre outros). Além disso, sendo aderido por boa parte da comunidade, o dialeto tornou-se uma forma de resistência e de inserção do indivíduo dentro da comunidade. O Bajubá, é um termo que advém de origem africana, da língua Iorubá e tem como significado da palavra “Mistério “ou “Segredo “, sendo adotado assim pelos LGBTQIA+ para nomear esta linguagem. Mediante disto, o Bajubá, é conhecido como a “língua dos gays” e isso advém de um senso comum, criado pela maioria das pessoas de fora da comunidade, ao dizer que é um modo de resistência há uma maior adesão da comunidade para com ele. (BENNISTE, 2011).

Silva Filho (2012, p.04) define o Bajubá como um junção, um “processo criativo” que vem da incorporação de palavras advindas do Iorubá, do inglês, do francês, gerando um elemento que irá atuar na constituição da identidade desta pessoa LGBTQIA+, possibilitando a conexão de alguns polos que são distintos, mas que são transpassados por categorias que estão interligados, como por exemplo: a casa e a rua, sendo um fator importante para a compreensão deste tema no âmbito individual deste sujeito.

Diante da perspectiva social, o Bajubá está inserido dentro de uma forma de linguagem e a linguagem se faz muito importante na nossa vida e no dia a dia, mediando a nossa vida e a nossa relação com o mundo. Segundo Sapir (2004), a linguagem possibilita fazer com que as pessoas possam se conectar com outras pessoas e ver o mundo de outra forma.

O Bajubá também se faz importante dentro do campo acadêmico, perante a perspectiva psicológica que interpreta e compreende-se que, é através da linguagem que o sujeito entende e subjetiva as suas relações com as outras pessoas e com o mundo, sendo de extrema importância compreender como a utilização desta linguagem estabelece as relações. (DO PSICOLOGO, 2005) Sob o mesmo ponto de vista, afirma Saussure (1970, p.11) que “A

linguagem possui seu aspecto no nível individual e um aspecto no nível social, sendo impossível conceber um sem o outro.”

O Bajubá é também principalmente um código linguístico utilizado pela comunidade LGBTQIA+, havendo a sua difusão por meio da televisão, da escrita, e atualmente mais forte e assíduas nas redes sociais e em artistas nas suas letras de músicas. (BARROSO, 2017).

O estudo do Bajubá tem fundamental importância no campo social, e para a área da psicologia, pois cabe ao profissional atuar enquanto agente responsável, buscando minimizar e erradicar as situações que trazem os estigmas e preconceitos sociais através do esclarecimento e reflexão. (DO PSICOLOGO, 2005)

O estudo também afeta fundamentalmente e o campo acadêmico pois gera debates sobre como o modelo hegemônico estrutural ocidental de vida que marginaliza os grupos ditos como minorias, e sobre a força pulsante do modelo de vida heteronormativo, além de não contemplar as vivências do lócus ao qual as pessoas estão inseridas, como também promove o preconceito e a discriminação dos modelos de vidas e corpos diferentes do estabelecido. Corroborando novamente o estudo com o campo de atuação da psicologia que procura refletir sobre o modelo heteronormativo, impostos em nossa sociedade e o combate a todas as formas de preconceito, dentre elas, a homo/lesbo/trans/fobia.

Despertando mediante todos esses argumentos, a motivação para esta pesquisa. Assim é importante compreender, qual a importância do bajubá dentro da comunidade LGBTQIA+ mediante a adesão as produções artísticas e midiáticas no cenário brasileiro atual? e nas suas influências na linguagem presente nas relações social com o mundo?

Diante dos fatos apresentados, e entendendo assim a linguagem como um fator característico Biopsicossocial, busca-se como objetivo geral: compreender na comunidade LGBTQIA+ o uso das palavras contidas no vocabulário bajubá frente a sua identificação com as palavras e a sua identificação com o dialeto. E como objetivos específicos: conhecer os perfis sociais das pessoas que produzem e reproduzem o bajubá mediante algumas de suas produções artísticas como música, filme e outros, compreender a importância do uso dessa linguagem para o sujeito e por fim, conhecer como algumas manifestações artísticas e midiáticas materializam esta linguagem como forma de resistência.

## **2. ASPECTOS METODOLÓGICOS.**

O presente artigo é uma análise ao tema bajubá tendo como caráter a pesquisa bibliográfica, constituindo-se uma revisão narrativa, através do levantamento de dados foi feito

a partir de pesquisas acerca do tema, sendo consultadas bases como, o Google acadêmico, Scielo, Revistas de psicologia, teses e dissertações de mestrado e doutorado. Foi utilizado como critérios de seleção documentos que falavam sobre o tema, tendo como preferência produções mais recentes com até cinco anos de produção, porém não foram descartadas, outras produções que vieram a contribuir para o enriquecimento do tema, a análise de dados foi feita através da análise crítica de textos por meio de autores como: Renato Regis Barroso, *Pajubá: o código linguístico da comunidade LGBT*. José Benniste, *Dicionário Yorubá*. Décio M. de Lima. *Os homoeróticos*. Mário Eduardo Martelotta. *Manual de linguística*. Ângelo Vip; *Aurélia, a dicionária da língua afiada*. Estas bases foram consultadas nos meses de julho, agosto e setembro do ano de 2020. Sendo encontrada através de palavras chaves como: linguagem, Bajubá e Pajubá.

### **3. - A LINGUAGEM E A LINGUA: COMPREENDENDO O BAJUBÁ.**

A linguagem é utilizada todos os dias pelo homem, através dela o homem pode perguntar, responder, questionar e se informar sobre o seu redor e do mundo. Foi através da linguagem que se gerou a escrita e que foi possível transmitir os conhecimentos da geração para geração. (SAPIR, 2004).

Segundo Saussure (1970), a linguagem é uma faculdade humana na qual os homens utilizam para desenvolver, produzir e compreender as demais línguas e as representações simbólicas que se assemelham a linguagem. Sendo a linguagem multifacetada e heterogênea, esta possui aspectos fisiológicos, físicos e psíquicos atuando a nível do domínio público como de domínio do individual.

De acordo com Vygotsky (2003), a linguagem e o pensamento são processos que estão interligados um ao outro desde o nascimento da vida, pois é devido a aquisição da linguagem que o ser humano quando criança consegue modificar as suas funções mentais superiores, dando forma ao seu pensamento, possibilitando assim o uso da sua imaginação, criatividade, memória e do planejamento da sua ação.

Seguindo na mesma ideologia de pensamento, Viotti (2008) considera que no que tange ao homem, a linguagem irá envolver outros diversos aspectos, fazendo assim a conexão com outras diversas ciências, a exemplo a sociologia, psicologia biologia, neurofisiologia e diversas outras.

Para Sapir (1980), a linguagem é um meio humano pelo qual se comunica desejos, pensamentos, emoções, e ideias através dos símbolos produzidos voluntariamente. Em

contrapartida para Lyons (1987), a linguagem vai além, promove também o processo de grande importância que é a interação dos indivíduos. Para Halliday (1994), a linguagem não é arbitrária pois ela existe para cumprir as obrigações do ser humano e da sua organização funcional, assim a linguagem é possível de perceber como extremamente próxima da comunicação visto que se a mesma não consegue ser compreendida, a comunicação não se efetuará. Martellota (2008), afirma que:

O termo “linguagem” apresenta mais de um sentido. Ele é mais comumente empregado para referir-se a qualquer processo de comunicação, como a linguagem dos animais, a linguagem corporal, a linguagem das artes, a linguagem da sinalização, a linguagem escrita, entre outras. Nessa acepção, as línguas naturais, como o português ou o italiano, por exemplo, são formas de linguagem, já que constituem instrumentos que possibilitam o processo de comunicação entre os membros de uma comunidade. (MARTELOTTA, 2008, p. 16 e 17).

Sobre o conceito de língua, Saussure (1970) afirma que a língua constitui um sistema que é linguístico, estando inserido em um contexto social, na qual é assim utilizado como meio de comunicação de uma determinada comunidade, sendo assim constituído enquanto um fenômeno coletivo que é produzido e compartilhado socialmente.

Quando a linguagem está inserida dentro do campo da ótica social, irá ocorrer o que os estudiosos chamam de variação, esse termo expressa que há uma ruptura diante dos vocábulos exercidos de forma social em foco do seu uso pessoal.

“Variam pela vontade que os indivíduos ou grupos têm de se identificar por meio da linguagem e mudam em função da necessidade de buscar novas expressões para designar novos objetos, novos conceitos ou formas de relação social.” (MARTELOTTA, 2008, p.23)

Para Sapir (1980), a linguagem determina a forma como o indivíduo vê o mundo. A linguagem também afetará o modo como ele se comportará, pois para cada língua haverá diferentes perspectivas no mundo.

Segundo Viotti (2008), a linguagem é também um fenômeno eminentemente social. A língua emerge sempre que duas pessoas entram em contato, de modo que a linguagem é social. A linguística só necessita compreender que há relações entre a cultura e a língua, entre a língua e as classes sociais, e entre as demais línguas que estão em contato com elas.

De acordo com Hymes (1972), ela utiliza o termo de “competência comunicativa”, tendo em perspectiva os relacionamentos sociais e culturais, o estado emocional das pessoas que o falam, abordando ainda as regras funcionais e sociais que regem a sua utilização dentro de cada contexto, demonstrando através disso que desempenho e competência é algo

completamente importante, explica ainda que a competência comunicativa atual e o saber da linguagem é a sua utilização em determinados contextos.

A linguagem segundo Bezerra (2013), é um dos instrumentos mais importantes para o desenvolvimento cognitiva da humanidade, foi elaborada pela mesma, na prática sócio histórica do trabalho, visando garantir ao homem o controle sobre o seu próprio comportamento e sobre a sua realidade que o circunda.

Vygotsky (2001), afirma diante da sua perspectiva socio-histórico-cultural que o desenvolvimento da humanidade acontece pelo fator filogenético e ontogenético, o primeiro é sobre o estudo da história e o segundo sobre o estudo da história do indivíduo humano. De acordo com Vygotsky a capacidade filogenética especial que o homo sapiens possuem é a da sua mediação cultural, habilidade esta que lhe possibilita de agir indiretamente sobre o seu mundo mediante ideias e os artefatos materiais e principalmente sobre a comunicação. Já na ontogênese, o ser humano tem mudanças qualitativas e dialéticas, pois desenvolve capacidade de mediação e abstração, sendo nitidamente percebido no desenvolvimento e uso da linguagem. Vygotsky (2001) ainda faz uma ressalva sobre a relação existente entre a linguagem e o pensamento para o desenvolvimento humano e explica que:

A relação entre pensamento e linguagem modifica-se no processo de desenvolvimento tanto no sentido quantitativo quanto no qualitativo. Noutros termos, o desenvolvimento da linguagem e do pensamento realiza-se de forma não paralela e desigual. As curvas desse desenvolvimento convergem e divergem constantemente, cruzam-se, nivelam-se em determinados períodos [...] (VYGOTSKY, 2001, p. 111).

Para Bakhtin (1992), a linguagem é compreendida como um acontecimento que está enraizado dentro de um meio social específico, e já está estabelecido no psiquismo dos sujeitos aos quais já pertencem a eles, elaborando significados, apresentando-se de forma sempre mutável e adaptativo, evoluindo junto com a sociedade. Partilhando de ideia uma ideia igual, Vygotsky (2001), afirma acreditar que as os processos de cunho interpessoais se transforma em processos de nível intrapessoal, inicialmente pelo contanto e depois Inter psicológica, mediante a sua interiorização.

Para Fairclough (2013), a atividade linguística é compreendida enquanto um discurso, que também se configura enquanto prática social, pois os seres humanos dedicam se a ela, no viver da sua vida, atuando enquanto membros da sociedade, e assim como as demais práticas, a linguagem torna-se possível mediante os contextos de encontros sociais onde lhe são gerados os significados.

Para Vygotsky (2003), afirma que para poder se comunicar o homem cria e utiliza as linguagens mediante os seus sistemas, agora movidos pela necessidade de se comunicar impulsiona para se desenvolver ainda mais, mesmo que haja a falta ou não de um sistema linguístico e simbólico de signos, a comunicação se tornará limitada pois as transmissões racionais e intencionais do homens necessitam de um sistema mediado, sendo este a fala.

Ao utilizar um código que está estabelecido de forma social, os indivíduos têm como possibilidade, a criação de contextos diversos e específicos, e por sua vez gerar efeitos no contexto social. Por este viés, o código linguístico que é utilizado por uma comunidade não é algo cristalizado ou finalizado, mas que se encontra em contínua evolução. Podemos compreender então o bajubá como uma ferramenta materializada da sociabilidade das pessoas da comunidade LGBTQIA+, que através do seu uso gera efeitos sociais, tanto no campo físico como no campo linguístico ao subverter a linguagem normativa social vigente, reinventando seus espaços e vivências. (FAIRCLOUGH, 2013).

O bajubá foi construído inicialmente pelas travestis e para as travestis, adquirindo o fator êmico. O ato de chamar o pajubá como uma “língua gay” é proveniente do senso comum. No entanto, também se usa o termo como um “escudo de resistência” para a comunidade, sendo possível a mudança por meio da linguagem. Porém, baseado nos estudos não é correto chamar o pajubá como uma “língua gay” pois desta forma estaríamos substanciando o conceito do termo científico.

Chamamos de “língua” um sistema programado em nosso cérebro que, essencialmente, estabelece uma relação entre os esquemas mentais que formam nossa compreensão do mundo e um código que os representa de maneira perceptível aos sentidos. Os seres humanos utilizam um grande número de tais sistemas (“línguas”), que diferem em muitos aspectos e se assemelham em muitos outros aspectos. Tanto as diferenças quanto as semelhanças são altamente interessantes para o linguista. (PERINI, 2010, p. 52)

A língua é apenas uma outra forma de comportamento, em entre outros modos de realização das atividades culturais praticadas pelo grupo. Como essas formas de comportamento, a língua também varia no interior de uma sociedade, de tal maneira que os indivíduos que possuem entre si laços mais estreitos de convívio, relações de maior e mais durável intimidade, apresentam, precisamente por isso, modos de falar muito semelhantes (ou quase idênticos) que os distinguem de outros indivíduos. (PRETTI, 2004, p. 103)

Pode-se perceber que através dessas afirmações, é possível de compreender por que a associação do pajubá como língua gay, visto que há semelhanças que estão estabelecidas dentro deste processo de fala. Entretanto, assim como se assemelham os traços linguísticos, também se diferenciam em suas particularidades de modo que a linguagem irá modificar-se de acordo com o interior de sociedade.

Todavia, o traço linguístico característico do pajubá quanto a esse fenômeno é a gíria, que segundo Pretti (2004) faz parte nitidamente dos grupos que são menos favorecidos e que se opõem contra a sociedade. Dessa forma diante das informações e do lócus onde estamos localizados geograficamente, a maioria dos membros da comunidade LGBTQ+ considera o pajubá como uma gíria.

A gíria é a marca característica da linguagem de um grupo social. Torna-se difícil analisar esse fenômeno sob um enfoque geográfico, embora possa afirmar-se que a gíria é predominantemente um vocabulário urbano. Mas, de qualquer ponto geográfico que possamos partir, a gíria estará sempre ligada a um grupo social diferente. Mas também é possível dizer que é na maior variedade das situações de interação da cidade que ela surge como um importante recurso de expressividade[...] sendo um instrumento de agressividade no léxico, como se verá, a gíria está mais ligada à linguagem dos grupos socialmente menos favorecidos ou de oposição a um contexto social. (PRETTI, 2004, p.87).

A linguagem é apenas uma das diversas formas de comportamento de um grupo, como sabemos a linguagem irá variar de uma sociedade para outra. Existem pessoas que possuem mais intimidades com outras, assim elas possuem um linguajar muito semelhantes quase que idênticos distingue-se dos demais indivíduos. (PRETTI, 2004.)

Vygotsky (2003), afirma que ao se tornar social, a linguagem possui relação o âmbito de duas funções básicas, a primeira e o intercambio social, criado para que haja a comunicação entre os seus semelhantes, sejam elas pessoas ou grupos, e a segunda função, e o pensamento generalizado na qual a linguagem vem nomeado o real, tornando-se mediante isto um instrumento do pensamento. Em sua síntese Vygotsky (2003) afirma que:

O pensamento verbal [...] é determinado por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala. [...]. Espera-se apenas que, neste nível, o desenvolvimento do comportamento seja regido essencialmente pelas leis gerais da evolução histórica da sociedade humana (VYGOTSKY, 2003a, p. 63).

De acordo com Pretti (2004), esses comportamentos favorecem para a formação da consciência de um grupo, quando estes indivíduos criam uma marca eles a utilizam como forma de se auto afirmarem na sociedade e utilizam esta marca como signo do grupo. Ex: a apresentação pessoal como o cabelo etc., a moda, características, as gírias utilizadas no grupo como o Bajubá. Assim a gíria é um uma fonte de expressão linguística muito importante utilizada pela população menos favorecida e entre os jovens. Mediante seu vocabulário irá surgir nos mais diversos grupos, porém essas gírias só irá se constituir mediante a identificação dos membros do grupo.

#### 4. BAJUBÁ OU BATE - A LINGUA DAS TRAVESTÍS.

O Bajubá, é compreendido atualmente como uma linguagem utilizada pela comunidade LGBTQIA+, essa mesma linguagem tem base nas línguas de origens africana nagô-iorubá, sendo indicativo da relação coexistente entre as religiões afro-brasileiras e a comunidade. (FLORENTINO, 1998; PELÚCIO, 2005) essa língua também tem indícios de outras, como o francês, o inglês e o italiano.

De acordo com Barroso (2017), por muito tempo só se podia estudar a linguagem gay por meio da oralidade e dentro de entrevistas, com passar do tempo houve uma mudança e o suporte teórico a qual se entende o que as palavras utilizadas pelos membros da comunidade LGBTQIA+ adivinham dos ritos de religião africana pois evidenciava-se que a população se sintam bem acolhido e dentro dos cultos afro-brasileiros não há a obrigação de representar os papéis socialmente definidos na sociedade, podendo assim serem acolhidos sem serem julgados pela sua sexualidade e praticar o bem para a humanidade.

A construção da identidade das travestis, perpassa por diversos aspectos como as modificações corporais, roupas, a implantação de próteses, uso de perucas ou apliques de cabelo, cuidados com os cabelos, depilação, uso de maquiagem e vários outros, porém há outros fatores que podem ser mais ou menos centrais, dependendo do local as quais estão localizadas (BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008). A linguagem é uma delas, o Bajubá, é um elemento de sociabilidade, reconhecimento e de resistência para o mundo das travestis.

“Para conhecimento mais perfeito de um determinado grupo social o estudo da gíria falada pelos indivíduos que o compõem é de suma importância. Ela traduz, no seu primitivismo, todos problemas, hábitos, e o índice de moralidade de uma classe”. (JAIME, 1953, p. 29)

Algumas gírias de acordo com Jaime (1953), eram de uso constante entre estas pessoas chamados na época socialmente como pederastas, entre algumas expressões ditas no seu trabalho são: “*meicar*”, representa o furto de pequenos itens em lojas comerciais, “*suar*”, que representam o ato furtar bens como joias, dinheiro, ou relógios dos homens dos outros os homossexuais com os quais se relacionam; “*fugir da titia Cleides*”, representa o ato de esconder-se dos carros da polícia; e outros termos também mais relacionados as práticas sexuais como “*babalu*”, que é compreendido como “homem pederasta sexualmente ativo que se entrega as práticas homossexuais pela retribuição monetária” (JAIME, 1953, p. 29); e por último, “*fazer michê*”, que segundo a acepção possui o mesmo significado que “ser sustentado por homens pederastas ativos.”

Segundo Silva (2005) os grupos que são em suma maioria marginalizados, optam por mediante a sua cultura criar um sistema simbólico que possibilita a compreensão desta linguagem para algumas pessoas e por outro lado, as pessoas as quais não fazem parte deste grupo, não conseguem compreender. Esse ato constitui sistema de comunicação que se transforma tanto em uma marca identificadora do grupo social em si, como também um meio de preservação e continuidade do mesmo. Portanto, essa linguagem criada pode ser engraçada, cômica, e caricata, utilizando-se de atitudes ou mímicas na comunicação.

A sofisticação de atitudes e comportamentos, e mesmo a mímica, têm uma importância fundamental na comunicação e inclusão dos símbolos na sua linguagem. Nas relações intergrupais, existe uma verdadeira competição na vivacidade de linguagem pelo pitoresco, pelo bizarro, ou pelo obscuro, que muito contribui, dirigido pelo modismo, para o aparecimento e substituição de novos termos. (SILVA, 2005, p. 148)

Segundo Trevisan (2000), a linguagem gay é vista como um símbolo de afirmação da cultura enquanto marca positiva para que somente aqueles que são aptos os “eleitos” possam assim entender quanto mais marginalizado e discriminado mais cifrado. Assim, Segundo Tarallo (2007) as normas e leis sociais são decisivos no modo de como se fala na sociedade, portanto é desta forma é que a língua se faz importante para que haja a identificação com o seu determinado povo.

Compreendemos através de Silva (2005), que as expressões e palavras apresentadas por um grupo representa não somente a sua criatividade inovação, mas também, a capacidade destes grupos sociais de se protegerem das possíveis ameaças existentes, constituindo assim um importante recurso expressivo. Nesse sentido, a linguagem de um grupo pode conter vários marcadores de diferença que possibilita demarcar aspectos importantes, como identidade, legitimidade, sociabilidade e territorialidade.

Embora o pajubá seja uma língua criada pelas travestis, Carvalho (2011) explica que os primeiros estudos foram realizados com homens homossexuais, visto que a categorias de travestis, ou transexuais, demorara para começar a aparecer, enquanto identidade na época. Green (2000), explica que as travestis surgem somente no ano de 1970, durante este período houve diversas noções de identidades de gênero e sexuais, colocando em debate mais uma vez a polaridade que existe entre “homens de verdade” e “bichas afeminados”.

A movimentação dos travestis no país de Norte a Sul, imprime a atividade traços culturais homogêneos e uma linguagem uniforme. Foi identificado tanto nas grandes cidades do Sul, quanto em Salvador o uso de expressões de origem nagô, usados como códigos cifrados na estratégia de defesa contra grupos hostis a suas performances públicas. (OLIVEIRA, 1994, p. 118).

Mediante esta afirmação, a movimentação das travestis pelos diversos locais e cidades do Brasil, possibilita com que esta linguagem seja levada de uma local para outro. Migrando de forma constante de cidade ou até estado, O trânsito destas pessoas também a carreta no trânsito de várias palavras nas quais carregam com si compartilhando com diversas outras travestis e localidades. (CARRIJO, 2012.)

De acordo com Levi-Strauss (1958), dentro do mundo religioso afro-brasileiro é perceptível que há uma variedade linguística muito grande, que está ligado a vivência daquele grupo naquele espaço e que é transmitido através da sua oralidade. Florentino (1998.) também observou que há uma conexão existente entre a linguagem das travestis e a língua iorubá-nagô, chamada por ela de bate-bate ou apenas bate. Florentino busca destacar ainda elementos que possibilita a construção desta linguagem, gerando reflexões sobre algumas questões e sobre a riqueza e importância dessa criação autêntica surgida de modo clandestina, que possibilita a revelação de aspectos da relação entre as travestis e da sociedade abrangente.

Em termos sintéticos, o alicerce do bate-bate é a estrutura gramatical da língua portuguesa. Assim sendo, o que faz com que se torne ininteligível para as pessoas estranhas ao grupo é a utilização de uma combinação dinâmica de vários recursos linguísticos, dentre os quais, os mais perceptíveis são: o uso de expressões e termos oriundos de dialetos africanos, em alguns casos modificados e/ou (re)significados, que também possibilitam a formação de palavras híbridas; o uso de gírias locais e nacionais; e a verbalização através de figuras de linguagem, que permitem multiplicar os significados dos itens lexicais. (FLORENTINO, 1998, p. 76)

De Castro (1983) afirma que aqui no Brasil, a língua portuguesa passou por inúmeras influências de várias línguas e dialetos africanos. Palavras talvez mais conhecidas como samba e como dendê são exemplos fiéis dessa alteração. Quando relacionado o uso das línguas africanas na perspectiva da língua de santo, é possível afirmar que dentro dos terreiros os itens que são mais comumente utilizados e que possui relação com à linguagem proveniente dos idiomas africanos são:

1. nomes de divindades; 2. Nomes iniciáticos; 3. nomes que se referem a objetos, lugares, flora, fauna, cozinha; 4. nomes de parentesco religioso; 5. expressões de exorcismo, de saudação, de benção, de pedido, de permissão, de interdição, de negação, de reverência; 6. nomes e expressões referentes a diversas funções sexuais, fisiológicas, à gravidez e a doenças; 7. itens que se referem aos órgãos sexuais, a diversas funções fisiológicas, a gravidez, ao homossexualismo; entre os casos assinalados por eufemismo, a maioria foi de étimos bantos, como nena, fezes, ou fazer nena, defecar [...]. (PESSOA DE CASTRO, 1983, p. 88).

Dentro do mundo religioso afro-brasileiro é perceptível que há uma variedade linguística muito grande, que está ligado a vivência daquele grupo naquele espaço e que é transmitido

através da sua oralidade. Lévi-Strauss (1958), vê a oralidade como um símbolo da autenticidade dessas relações.

Segundo Florentino (1998), somente dominar bem o Bate<sup>4</sup> pode significar muitas vezes o pertencimento e a demarcação de territórios, porém o bate ocupa um espaço importante na relação construída entre as travestis. O domínio do bate é sinônimo de pertencimento a um grupo específico e seu uso também possibilita identificar limites e testar fronteiras. O uso desse dialeto, segundo Florentino (1998), não é algo fixo, podendo assumir diferentes nuances de acordo com o contexto vivenciado.

Para Florentino (1998), o bate pode ser utilizado na rua tanto para agilizar um diálogo, combinar determinada ação, defender-se da presença de estranhos, representar uma situação, uma categoria, prática ou sentimento que, mediante a sua especificidade, muitas vezes não se encontra no vocabulário cotidiano.

Mesmo diante das inúmeras nuances que o Bate vem a assumir, o principal elemento para que se possa identificar os objetivos do seu uso é o contexto. É destacado ainda que apenas ter o conhecimento de frases ou termos isolados e de forma descontextualizados não possibilita o domínio da linguagem, pois existem inúmeros recursos que são utilizados pelas travestis para a construção dessas frases e que seria difícil para uma pessoa fora do grupo utilizá-la, assim só o dicionário não seria suficiente.

Florentino (1998) divide o Bate em duas categorias: os termos de referências e os termos de tratamento, que são:

Termos de tratamento são aqueles empregados para se dirigir ao interlocutor, podendo, ou não, informar sobre a situação da pessoa dentro de determinado sistema classificatório. Por termos de referência entendo aqueles empregados para se referir a alguém e que informam sobre a situação da pessoa dentro de determinado sistema classificatório. (FLORENTINO, 1998, p. 75-76)

Por este viés, as classificações realizadas pelas travestis para se abordar ou se referir a alguém, concentram-se em duas categorias:

Os termos mona, mana, amapôa, bicha, travesti, erê, amapôa de equê, bicha velha, bicha boy, cona, okó, michê e outros fazem parte do sistema classificatório que as travestis compartilham. Cada qual é composto a partir da menção ou combinação de determinados eixos de referência, como, idade, gênero, profissão, estética etc. (FLORENTINO, 1998, p. 76).

Gonçalves (2010) organizou e sistematizou um quadro, na qual compunha a linguagem LGBT com cento e oitenta e nove palavras. Inserida nestas palavras, cento e quinze possuem a

---

<sup>4</sup> Termo utilizado pelo autor para se referir ao dialeto bajubá.

sua origem na linguagem africana ou em variações da mesma. Essas palavras eram registradas através do contanto com travestis, homossexuais, e garotos de programas, em espaços aos quais os mesmos transitavam. Gonçalves (2010) também percebeu que algumas palavras que eram utilizadas pelas travestis, são decorrentes de pontos cantados ou cantigas da religião de umbanda e candomblé, tendo por exemplo, as palavras odara e laruê, palavras essas que advém de origem ioruba-nagô, como é explicitado na seguinte cantiga:

Deu meia noite/ Foi quando a lua apareceu/ Lá na encruzilhada/ Dando a sua gargalhada/ Bombo gira apareceu/ É laruê, é laruê, é laruê/ É mojubá, é mojubá, é mojubá/ Ela é odara/ Quem tem fé é só pedir/ É só pedir que ela dá. (GONÇALVES, 2010, p. 142).

Segundo Lima (1983) há mais de duas décadas que homossexuais dividem de forma quantitativa em espaço permanente no Candomblé e na Umbanda, tornando-se escolha para muitos membros da comunidade LGBTQIA+.

Pelúcio (2009), ressalta em diversos momento do seu livro *Abjeção e desejo*, sobre a importância da apreensão do Bajubá para uma melhor compreensão desse universo das travestis. Em diversos momentos, Pelúcio traz várias palavras que surgem do dialeto, como amapô, alibã, mona, edi, neça e diversas outras gírias. Pelúcio (2009, p. 42) define o bajubá como:

[...] uma linguagem própria, composta não só de gírias que são palavras da língua portuguesa resignificadas, como também usam inúmeras palavras provenientes do ioruba-nagô, compondo uma linguagem que elas denominam de bajubá ou pajubá, ou ainda “bate-bate”. (Pelúcio 2009, p. 42)

Pelúcio (2009), nos revela em sua investigação, a importância e a centralidade do bajubá como uma língua de extrema importância na sociabilidade das travestis. Sendo perceptível que o uso desta gíria, dentro do grupo, faz parte da construção destas travestilidades. O Bajubá também possui relação com outros idiomas, como por exemplo, o francês, sendo descoberto por Pelúcio (2009), temos como exemplo a palavra bafão, muito frequentemente utilizada pela comunidade LGBT:

[...] deriva do termo francês “bas-fond”, que significa estar num espaço subterrâneo, equivalente ao termo inglês “underground”. Bas-fond soa como “bafon”; daí para se transformar em “bafão” pela proximidade sonora foi só uma questão de uso frequente. O termo tem diversas possibilidades de uso, todas ligadas a eventos que saem da rotina, que têm potencial para virarem fofoca ou algo que movimentam a cena onde ocorre. Significa, assim, algo inusitado; confusão; uma revelação bombástica; situação polêmica e/ou explosiva. (PELÚCIO, 2009, p. 54).

Compreende-se, desta forma, que o bajubá por vezes se apresenta como linguagem êmica de resistência, em especial pelas travestis, que em sua maioria que estão ligadas ao ramo

na prostituição, e outras vezes devido a sua comum associação como uma linguagem dos guetos, do subúrbio, e principalmente da rua, estando conectado às religiões afro-brasileiras. (QUIJANO, 1992).

## **5. A MATERIALIDADE DA LINGUAGEM ATRAVÉS DO PAJUBÁ NA MÍDIA SOCIAL: COM A VOZ, LINN DA QUEBRADA.**

“Não tem o funk da ostentação? O meu é o funk da lacração”. Linn da Quebrada

Existe hoje na mídia um enorme gama de artistas que representam e fazem parte da luta diária pela igualdade de direitos e representatividade, podemos citar desde os mais antigos como: Ana Carolina, Cazusa, David Bowie, Daniela Mercury, Freddie Mercury, Ney Matogrosso, Renato Russo, até os mais atuais como Aretuza Lovi, Gloria Grove, Lia Clark, Liniker, Pablllo Vittar. Mesmo com tanto ódio gratuito e muitas dificuldades e preconceitos as mulheres travestis e transexuais também começaram a ocupar o cenário artístico, tanto no teatro, como na música podemos citar nomes como: Mc Xuxu, Danny Bond, Liniker, Leo Kret, e não menos importante Linn Da Quebrada, que possuem suas músicas muito bem difundidas dentro da comunidade LGBTQIA+. (DOS SANTOS, 2019).

Mesmo com bastante representatividade e trabalho duro não é fácil desconstruir as identidades da norma vigente, compreendendo que as questões de identidade interferem em todos mesmo antes do seu nascimento, sendo gerada devido a criação de expectativas pelos pais. Essas identidades também são construídas mediante as suas relações com as sociedade a exemplo: classe social, gêneros, religião, trabalho entre outros, desta forma a nossa identidade e metamorfose, são inseridas e movidas pelo contexto social. (CIAMPA; PACHECO; 2006)

Linn da Quebrada é Bicha travesty, preta, trans, periférica, performer bailarinx, e terrorista de gênero, assim ela se apresenta em suas redes sociais. Linn da Quebrada iniciou sua jornada na carreira musical, especificamente no funk, porém, com passar dos anos, navegou e explorou outros gêneros musicais. Linn traz em sua discografia o álbum Pajubá, lançado no ano de 2017, resultado de muito trabalho duro e de muita representatividade. (DE MACEDO TORRES, 2020).

O Pajubá é um álbum completamente composto por diversas faixas musicais que apresentam e representam desejo de ocupar o lugar que é seu e reivindicam ainda toda as vozes de uma comunidade totalmente marginalizada e segregada inclusive dentro da própria comunidade LGBTQIA+. As músicas também revelam e fazem duras críticas ao discurso social

machista e dominante do homossexual masculino macho, sobre o homossexual masculino afeminado, mostrando a voz e os seus desejos em resposta a conjuntura social patriarcal que o sustenta. Trazendo como perspectiva uma visão mais decolonial. (DOS SANTOS, 2009).

(...)é preciso apontar que a colonização europeia nas Américas não representou apenas – e que não seria pouca coisa – a expansão comercial das nações localizadas no outro lado do Atlântico, mas sim, e, sobretudo, a inauguração de um modelo homogeneizador das formas de ser, estar, sentir daquelas populações não europeias; representou, ainda, a imposição de um único padrão sexual, de gênero, de família, de religião, de etnia etc. (LIMA, 2017, p. 32)

Os estudos culturais são instrumentos de fundamental importância, pois possibilitam compreender a cultura enquanto centralidade constituinte deste sujeito, interferindo na constituição da sua subjetividade, da sua própria identidade e construtor da pessoa enquanto ator social. (HALL, 1997) Realizando assim este estudos trazendo as epistemologias do sul enquanto ato de resistência destas pessoas, atuando sobre o uso da perspectiva decolonial.

A perspectiva decolonial objetiva problematizar a manutenção das condições sociais impostas pelo colonialismo, engloba compreender e cessar com a lógica advinda do euro centrismo europeu, possibilitando compreender outras teorias e histórias, buscando emancipar e erradicar com todos os tipos de opressão e dominação criados instaurados pela situação colonial. (DE NOVAIS REIS, 2018; PEREIRA, 2015).

Lima (2017) acredita que o uso do pajubá é um método de re-existencia e de lutar pela descolonização:

(...) o pajubá, ao incidir sobre o corpo da língua, de sua própria estrutura linguística, fissura a velha noção colonial sobre a qual o imaginário nacional se solidifica: uma língua una e homogênea. Quer dizer, a própria compreensão da nação como homogeneidade linguística e cultural é posta em xeque pela emergência do pajubá, que, como ato político e fenômeno político da linguagem, irrompe como diferença pura – uma diferença que nunca cessa, é proliferação contínua – deslocando a própria autoridade epistemológica de nomeação (uma autoridade colonial) por meio da linguagem; (LIMA, 2017, p. 44)

Linn, canta também sobre as relações hierárquicas temporais do masculino e do feminino advindas da heteronormatividade, que transpassam e se encontram dentro da comunidade LGBTQIA+. (DOS SANTOS, 2019).

A heteronormatividade é um regime político e epistemológico de regulação de gênero, sexualidade e corporalidade. Dizer que é um regime é o mesmo que compreendê-la enquanto um sistema de regulações, de poder incalculável, que exerce influência e autoridade sobre as formas de ser, estar, sentir e pensar das pessoas. Isto é, a heteronormatividade é um elemento de subjetivação, de criação de sujeitos. LIMA, 2017 Apud Leandro Colling 2013).

Neste sentido Ciampa (1987), também afirma que quando se há uma cristalização da identidade do sujeito ocorre então que os seus ideais de autonomia tidos pelo autor da identidade fujam da realidade, ainda que haja uma estagnação por comodismo, motivos pessoais ou pela pressão exterior, o individuo passa a olhar e aceitar aquela identidade hegemônica, descartando a identidade enquanto possibilidade de emancipação e de metamorfose.

As relações de poder também foram percebidas por outros autores, segundo Silva Filho (2010), estas relações de poder dentro da comunidade e feitas no pajubá, definem estes sujeitos em grupos classificados como: boy, finas, quá-quá, pão-com-ovo, pintosa ou trucadas. Silva Filho (2010), revela ainda:

[...] uma mínima dimensão de como agem as formas de classificação, que muitas vezes aparecem como categorias hierarquizantes na medição de status ou de área de influência, mas que também possibilitam a quem fala ser enquadrado em uma delas. E na maioria das vezes está ligada a alguns marcadores sociais da diferença, como: cor, raça, etnia, classe, preferência sexual etc. (SILVA FILHO, 2010, p. 8).

Linn utiliza as frases do dialeto para romper então com a lógica colonial, e traz em suas músicas termos e palavras que são utilizadas no dialeto do Bajubá para gerar estranhamentos no âmbito social questionando-se sobre as mesmas, Linn também utiliza o bajubá como forma de desconstruir a linguagem vigente normativa, adotando uma forma de linguagem que cria-se a partir do sujeito e não ao contrário, e como forma substancial, o uso das palavras para convidar em especial o público LGBTQIA+ para essa conversa.

“Olha pra cara da *mona*, que fala das *mana*, que trava batalha, puxando navalha.”  
-*Necomancia, Linn da Quebrada, 2017.*

“Ela é *amapô* de carne osso, silicone industrial, Navalha na boca, Calcinha de fio dental. - Mulher. *Linn da Quebrada, 2017.*

De acordo com Siqueira (2004) *Mona* e *amapô* são dois termos utilizados entre as travestis para assinalar simultaneamente “bicha-mulher” e que é também utilizado como forma de cumprimento entre elas e para designar a mulher. Vale (2000) explica ainda que termo o *amapô* é um termo advindo de origem africana e o termo *mona*, advém de origem angolense que foi empregado nas religiões afro-brasileiras, tendo como significado, mocinha ou menina.

Mediante a sua atuação dentro e fora dos palcos e através das suas letras, Linn, procura desconstruir as identidades da norma heteronormativa vigente, Ciampa (2002), acredita que a identidade não é algo fixo mais sim mutável, sendo construída traves das transformações e construções do sujeito, sendo a mesma construída e modificada pelos que estão ao nosso redor. Linn da Quebrada continua a usar o pajubá em mais canções suas:

Ela é raivosa, sedenta e vai amaldiçoar você Não tá bonita, nem engraçada, tá “*boca de si fudê*” (...) Então deixa sua piroca bem guardada na cueca, se você encostar em mim faço picadinho de “*neca*” - *Necomancia*. *Linn da Quebrada, 2017.*

Nesta obra, a artista procurou utilizar de forma a forma linguística do dialeto Pajubá, no primeiro verso, Linn utiliza o a frase “*boca de si fudê*” que tem como significado uma pessoa que se destaca das demais, ou que significa algo muito bom, entretanto não para por aí, Linn traz nesta canção uma crítica tanto sobre a desigualdade social como a cultura falocêntrica, onde se endeusa a “*neca*” significando no pajubá o pênis, elemento da masculinidade e da cultura patriarcal que endossa o masculino e renega tudo aquilo que é feminino, sendo bastante visto hoje na nossa sociedade e principalmente no meio LGBTQIA+. (DE MACEDO TORRES, 2020).

Já na música intitulada “Coytada” Linn da Quebrada utiliza uma conotação sexual maior para se expressar, na qual já tem como marca definida deste álbum, e questionar abordando a questão do modelo e papel social definido na qual a figura masculina precisa cumprir. Uma outra nuance apresentada por Linn é o fato de que todo homem considerado “padrão” é desejado e endeusado por todos os indivíduos, sejam eles homens gays ou mulheres. (DE MACEDO TORRES, 2020).

“Coytada” e “Dedo Nucuê” são faixas que falam sobre sexo com diferentes abordagens. A primeira inverte papéis e trata de corpos afeminados que recusam o padrão de homem (tu podia até ser último boy do planeta / que eu vou dar pra Deus e o mundo / vou dar até pro capeta! / mas se depender de mim / tu vai morrer na punheta). (MOREIRA, 2018, p. 47)

De acordo com Mead (1991), para que o sujeito possua condições para refletir sobre si mesmo é necessário antes disso um pré-requisito, que é a percepção e compreendo dos códigos sociais que estão sendo compartilhados, a partir é possível atingir um self na qual é possível também responder aos seus atos sociais mediante a sua visão de si mesmos e diante da perspectiva dos outros.

Assim podemos perceber que mesmo diante de dos poucos exemplos citados, Linn da Quebrada contribui diante das músicas para a problematização de assuntos emergentes da comunidade atual e da comunidade LGBTQIA+ e perceptível também segundo Lima (2017), que ao fazer uso do pajubá, e as letra de suas músicas e tanto na linguagem fala como na escrita, convidam a rejeitar esse padrão colonial instaurado e criar um novo modelo que possibilitem a existência de todos os corpos, ao somente o branco, europeu, criando novos meios de sociabilidades e relacionamentos.

## **6- CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Ao discorrermos sobre o bajubá podemos compreender que o bajubá tem sua fundamental importância dentro da comunidade LGBTQIA+, pois o dialeto que muitas vezes é visto como algo cômico ou apenas caricato, tem fundamental importância para alguns grupos de pessoas inserido dentro da comunidade, pois possibilita a sociabilização destas pessoas que se encontra marginalizadas, unindo-se em prol de união, resistência e de sobrevivência.

A metodologia utilizada nos possibilitou ter acesso a produção de obras produzidas de riquíssimas e de fundamental importância para a compreensão do assunto pois juntamente com a biografia utilizada, foi possível a compreensão histórica de onde o bajubá foi gerado, trazendo ainda luz para compreender o bajubá não é apenas algo engraçado mas que além do da sua performatividade corporal e linguística retrata toda a fusão de palavras advindas de outros idiomas e nas nações, agora utilizadas como re-existência.

A discussão também nos possibilitou compreender mais acerca das palavras utilizadas no dialeto do Bajubá, entendo também o seu contexto originário, a sua atuação e o seu mecanismo de resistência contra a marginalização dos corpos vistos como corpos que não são “belos”, belo esse definido pelo modelo ocidental, na qual o pajubá também tem importante debate e reflexão na luta, pois vai contra o padrão hegemônico euro ocidental estabelecido, subvertendo a linguagem falada e escrita que binariza os gêneros, os corpos e as subjetividades criando através do mesmo a possibilidade de reinvenção de si .

A linguagem utilizada no bajubá tem uma diversidade extremamente importante, visto que o nosso país é multicultural, a psicologia se faz extremamente importante nos assuntos diversos pois auxilia e corrobora com a visão de compreender o ser humano como múltiplo, diverso e que está sempre em transformação, assim como o dialeto e a psicologia apresenta-se como um modo de resistência e de recriação das subjetividades compreendendo que o ser humano é algo múltiplo e feito por fatores diversos.

Diante de todo o exposto acima, é extremamente necessário a psicologia debata ainda mais sobre a diversidade residente na epistemologia e nos locais aos quais residem, auxiliando na criação de novos debates e ações que possibilitem a erradicação do preconceito, da discriminação e dos estigmas criados socialmente e culturalmente na comunidade LGBTQIA+ e na sociedade, auxiliando na construção de políticas e de um país melhor e mais igualitário para todas a as pessoas.

## **REFERÊNCIAS.**

ARAUJO, Gabriela Costa et al. **(Re) encontrando o Diálogo de Bonecas: o bajubá em uma perspectiva antropológica.** 2018.

BARROSO, Renato Regis et al. Pajubá: o *código linguístico da comunidade LGBT*. 2017.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1992.

BENISTE, José. **Dicionário Yorubá – português.** São Paulo: Bertrand, 2011.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BEZERRA, Giovani Ferreira; ARAUJO, Doracina Aparecida de Castro. Sobre a linguagem: considerações sobre a atividade verbal a partir da psicologia histórico-cultural. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 1, p. 83-96, jun. 2013.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima. **Que mulher é essa?** Identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. 149f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

CARRIJO, Gilson Goulart. **Poses, posses e cenários: as fotografias como narrativas da conquista da Europa.** Estudos Feministas, Florianópolis, n. 20, v. 2., maio-agosto. 2012a. p. 525-538.

CIAMPA, A. C. (1987). **A estória do Severino e a história da Severina.** São Paulo: Brasiliense.

\_\_\_\_\_. (2002). **Políticas de Identidade e Identidades Políticas.** In C. I. L. Dunker & M. C. Passos (Orgs.), *Uma Psicologia que se interroga: ensaios* (pp. 133-144). São Paulo: Edicon.

DO PSICÓLOGO, **Código de Ética Profissional.** Conselho Federal de Psicologia. Brasília, agosto de, 2005.

DOS SANTOS, João Vitor Xavier; BAZZA, Adéli Bortolon. A bicha e o macho: poder e resistência nas músicas de Linn da Quebrada. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 4, n. 3, 2019.

DOS SANTOS, Ariel Dorneles; DUQUE, Tiago. “EU GOSTO MESMO É DAS BIXAS”: REFLEXÕES SOBRE IDENTIDADE AO SOM DE LINN DA QUEBRADA. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 1, p. 13-37, 2019.

DE MACEDO TORRES, Martiniano Marcelino; DE SOUZA GONÇALVES, Letícia. **A MANIFESTAÇÃO DO DIALETO PAJUBÁ NA MÚSICA QUEER BRASILEIRA.** 2020

DE NOVAIS REIS, Maurício; DE ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista espaço acadêmico**, v. 17, n. 202, p. 01-11, 2018.

DE CASTRO, Yeda Pessoa. Das línguas africanas ao português brasileiro. **Afro-Asia**, n. 14, 1983

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis: The critical study of language**. Routledge, 2013.

FLORENTINO, Cristina de Oliveira. “**Bicha tu tens na barriga, eu sou mulher...**”: etnografia sobre travestis em Porto Alegre. 173 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

GONÇALVES, Kary Jean Falcão. **As contribuições linguísticas dos povos de religião de matriz africana na formação da linguagem de homossexuais em Porto Velho – Rondônia**. 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Linguagem). Programa de Pós-graduação em Ciência da Linguagem. Universidade Federal de Rondônia, Rondônia, 2010

GREEN, James N. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Editora UNESP: São Paulo, 2000.

HALL, Stuart. Jul./dez. 1997. “A centralidade da cultura; notas sobre as revoluções de nosso tempo.” **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, 22 (2): 15-46.

HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Funcional Grammar* (2ª ed.) London: Edward Arnold, 1994.

HYMES, D.H. On *Communicative Competence*. In: *Sociolinguistics*. J.B. Pride and J. Homes, Eds. Harmondsworth: Applied Linguistics, 1972.

JAIME, Jorge. A gíria homossexual e o crime. In: **Homossexualismo masculino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora O constructor, 1953

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, gênero e cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. *Anthrologie Structurale*. Paris: Plon, 1958.

LIMA, Carlos Henrique Lucas. **linguagens pajubeyras: re(ex)sistência cultural e subversão da heteronormatividade**. 1ª ed./Salvador, BA: Editora Devires, 2017.

LIMA, Décio M de. *Os homoeróticos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Inglaterra: Cambridge University Press.trad.: Marilda Winkler Averborg e Clarisse Sieckenius de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987 [1981].

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. 1. ed. 1ªreimpr. São Paulo: Contexto, 2008.

MC LINN DA QUEBRADA. **Pajubá**. São Paulo: Web, 2017. 1 CD.

LINN DA QUEBRADA. A Lenda. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k4DpkHftQJg>> Acesso em: 22 nov. 2020.

LINN DA QUEBRADA. Coytada. 2017. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=IUq4WWJRngE&has\\_verified=1](https://www.youtube.com/watch?v=IUq4WWJRngE&has_verified=1)> Acesso em: 22 nov. 2020.

LINN DA QUEBRADA. Necomancia. 2017. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=VD9jLPLlpR4>> Acesso em: 22 nov. 2020.

MEAD, G. H. (1991). La génesis del self y el control social. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*. Madrid, 55, jul./set. [Original publicado em 1925, pelo *International Journal of Ethics*, 35, 251-277].

OLIVEIRA, Neusa Maria de. **Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer decolonial: quando as teorias viajam. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 5, n. 2, jul-dez, 2015, p. 411-437.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

PRETI, Dino. **Estudos de língua oral e escrita**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad y Modernidad-racionalidad**. In: BONILLO, Heraclio (Org.). *Los conquistados*. Bogotá: Tercer Mundo Ediciones; FLACSO, 1992, p. 437-449.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 6a Ed. São Paulo: Cultrix, 1970.

SAPIR, Edward. **A Linguagem: Introdução ao Estudo da Fala**. 2. Ed. Tradução J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo: Perspectiva, 1980.

SAPIR, E. (2004). **Language: an introduction to the study of speech**. New York: Harcourt, Brace.

SILVA, José Fábio Barbosa da. **Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário**. In: GREEN, James N; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005. p. 39-178.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro. **De bajubá em bajubá, onde será que vai dar?** apropriações, classificações e relações de poder em Belém-PA. II Encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia da Região Norte, 2010, Belém. CD Virtual da II SBS Norte, 2010.

SILVA FILHO, Milton Ribeiro da; RODRIGUES, Carmem Izabel. Digressões homossexuais notas antropológicas sobre coming out, Ethos LGBT e Bajubá em Belém-PA. **Revista do NUFEN**, v. 4, n. 1, p. 44-58, 2012.

SIQUEIRA, Mônica. **Sou senhora: um estudo antropológico sobre travestis na velhice**. 156 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

TARALLO, Fernando. **Pesquisa Sociolinguística**. 8a Ed. São Paulo: 2007.

TREVISAN, J.S. **Devassos no paraíso. Edição revista ampliada**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **No escurinho do cinema: cenas de um público implícito**. Annablume, 2000.

VIOTTI, Evani. **Introdução aos estudos linguísticos**. Florianópolis: EDUFSC, 2008.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. **Aurélia, a dicionária da línguaafiada**. Editora da Bispa, 2006

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A construção do pensamento e da linguagem. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Psicologia e pedagogia).

\_\_\_\_\_. Pensamento e linguagem. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a.

\_\_\_\_\_. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003b.

.